

## APRESENTAÇÃO

### **O currículo de língua de sinais na escola: reflexões, proposições e desafios**

Desde 2018, quatro cidades brasileiras (Canoas - RS, Guarulhos - SP, São Paulo - SP e Rio Grande - RS) organizaram proposições de Currículos de Língua Brasileira de Sinais (Libras) e publicaram esses documentos que refletem políticas públicas em nível da gestão municipal. De fato, essas propostas foram publicadas antes da publicação da Lei 14.191 de 3 de agosto de 2021, que dispõe uma modalidade de Educação Bilingue para os alunos surdos no país. Esses documentos apresentam a Libras como a primeira língua a ser ensinada para crianças surdas desde a Educação Infantil até os anos finais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos. São trabalhos resultantes de reflexões que tiveram início nas práticas em sala de aula e nas discussões da academia, que convergiram para a elaboração de documentos públicos oficiais.

Diversos trabalhos anteriores organizaram-se de forma local, em propostas curriculares e programas de disciplinas em escolas e institutos de surdos em diversos estados brasileiros. Contudo, o que diferencia os currículos propostos a partir de 2018 é o fato de alcançarem o status e a visibilidade de políticas públicas de educação. Os documentos que foram (e estão sendo) propostos consolidam a Libras como uma disciplina escolar, como componente curricular com objetivos específicos e progressivos que as crianças surdas precisam adquirir e desenvolver, da mesma forma que as crianças ouvintes aprendem o português como primeira língua.

Esses documentos seguiram paradigmas educacionais internacionais da educação bilíngue de crianças surdas, para mencionar alguns países cujos currículos foram tomados como referência: os Estados Unidos, a Austrália, a Nova Zelândia, Portugal, a França, a Grécia e a Suécia. Esses países vêm, desde o início de 2000, construindo currículos específicos para a aprendizagem das línguas de sinais de suas comunidades surdas como primeiras línguas. Por exemplo, o Currículo de Libras do Rio Grande é baseado no Currículo da Língua de Sinais Grega, de 2004, que por sua vez, foi baseado no Currículo da Língua de Sinais Americana (ASL), de 2002.

O fato de existirem currículos internacionais de línguas de sinais dentro do contexto internacional da educação bilíngue das crianças surdas é um assunto que requer mais pesquisas

e discussão. Há países que oficialmente reconheceram as suas línguas de sinais como a língua das crianças surdas e como língua de instrução nas escolas e, no entanto, não tratam a língua de sinais da mesma forma que as línguas orais modernas (por exemplo, inglês, português), nem as observam como objeto de aquisição, desenvolvimento e estudo pelas crianças surdas. Além disso, pesquisas internacionais demonstram claramente o impacto positivo da língua de sinais no progresso cognitivo geral da criança surda na escola.

Este dossiê, “O currículo de língua de sinais na escola: reflexões, proposições e desafios”, traz esta discussão a um lugar de destaque ao convidar para as contribuições que o compõem, pesquisadores nacionais, com representantes das regiões sul, sudeste e norte do Brasil e pesquisadores internacionais, surdos e ouvintes, com longa experiência na construção do currículo de línguas de sinais como primeira língua ou como língua segunda/adicional, com exemplos de prática educacional existentes.

As discussões propostas neste dossiê têm seu início com o artigo do Professor Doutor Jim Kyle, “**Sinal e escola: uma jornada**” em que é realizada uma análise histórica aprofundada sobre o ensino de língua de sinais como primeira língua para crianças surdas, além de importantes projeções sobre o futuro da educação de surdos e sua língua de sinais, considerando, em particular, o impacto do crescente número de crianças surdas com implante coclear. Na mesma esteira histórica seguem dois artigos, o de Helena Carmo e Paulo Vaz de Carvalho, que escrevem sobre “**O currículo de língua gestual portuguesa: passado, presente e futuro**”, apresentando reflexões sobre o percurso de Portugal até a regulação da educação bilíngue para surdos e as proposições de professores surdos de Língua Gestual Portuguesa para reformulações curriculares. Seguindo a mesma linha, o artigo de Adriane Menezes e Vânia Chiella, agora referente ao Brasil, apresenta uma discussão sobre “**Políticas públicas, a BNCC [Base Nacional Comum Curricular] e o currículo na escola bilíngue de surdos**”, apresentando o contexto brasileiro em que se insere a Educação Bilíngue de Surdos, com reflexões sobre os processos de implementação curricular, considerando as especificidades regionais dos Estados do Brasil, onde convivem comunidades surdas e escolas. Ainda, com uma análise sobre a implementação de programas educacionais para alunos surdos no Chile, temos o artigo de Maribel González Moraga e Karina Muñoz Vilugrón, “**Experiências de**

**ensino de língua de sinais na educação de surdos chilenos: um currículo não oficial**”, lançando um olhar crítico sobre a realidade do país.

Em seguida, temos quatro artigos que exploram diferentes nuances da construção de currículos de línguas de sinais. O trabalho de Maria Tagarelli de Monte **“Usando o Quadro Europeu Comum de Referência para o ensino da língua de sinais italiana: lições de pesquisa e prática”** apresenta o uso do QECR no ensino de língua de sinais italiana com a participação conjunta de surdos e ouvintes em sua construção e faz uma apresentação das mudanças políticas e culturais da área ocorridas na Itália desde 2011. O trabalho de Breda Carty, Karen Bontempo e Louise de Beuzeville, intitulado **“Sinais de aprendizagem: desenvolvendo um currículo nacional para alunos da Auslan como primeira e segunda língua nas escolas australianas”** apresenta as linhas gerais da estrutura do currículo de língua de sinais australiana e reflete sobre oportunidades e desafios advindas na elaboração do referido documento.

O artigo de Maria Mertzani, logo em seguida, apresenta uma importante discussão sobre a **“Alfabetização de língua de sinais no currículo de língua de sinais”**, especificando o conceito de alfabetização na língua de sinais e enfatizando a relevância da metalinguagem nesse processo. Felipe Venâncio Barbosa também discute essa habilidade cognitiva, a metalinguagem, no artigo **“Habilidades metalinguísticas e uso de língua nas proposições de quatro currículos de língua brasileira de sinais”**, em que apresenta uma descrição dos quatro primeiros currículos de Libras elaborados no Brasil após a BNCC, analisa suas abordagens sobre o uso da língua de sinais e sobre habilidades metalinguísticas, com reflexões sobre suas estruturas.

A equipe de pesquisa do Centro de Estudos de Comunicação e Surdos da Universidade de Boston, trabalha continuamente no desenvolvimento do currículo de ASL, como foi o caso da publicação do recente currículo intitulado: *ASL content standards: Kindergarten - Grade 12*. O Professor Dr. Robert Hoffmeister com os pesquisadores Kristin DiPerri e Todd Czubeck estão envolvidos na autoria do currículo e do material educacional que o acompanha. Este trabalho marcou a construção do Currículo de Língua de Sinais Grega (GSL) em 2004, já que atuaram como autores também no projeto grego, com Vassilis Kourbetis e sua equipe no Departamento de Educação Especial do Ministério da Educação e no Instituto Pedagógico (atualmente, Instituto de Política Educacional) na Grécia. O desenvolvimento deste último

trabalho será apresentado por Robert Hoffmeister, Vassilis Kourbetis e Spiridoula Karipi, em **“Materiais Curriculares Bilíngues que apoiam a Língua de Sinais como primeira língua para alunos surdos: a integração da tecnologia, aprendizagem e ensino”**. No artigo, os autores fazem uma discussão sobre materiais disponíveis para o ensino de Língua de Sinais Grega, descrevendo um material multimídia bilíngue inovador que pode ser aplicado na aprendizagem de qualquer língua de sinais.

O trabalho de Cristiane Lima Terra Fernandes, intitulado **“A Libras na Lei e na prática escolar: o que temos e o que precisamos”**, apresenta uma discussão sobre como a Libras é apresentada nos documentos políticos no Brasil, ao mesmo tempo em que retrata a implementação dessas leis e segue caracterizando a situação da escola bilíngue na cidade do Rio Grande/RS e a constituição do seu Currículo de Libras como L1, bem como as dificuldades e possibilidades existentes para sua efetivação.

Finalmente, apresentamos uma **“Entrevista com Robert Hoffmeister: uma discussão sobre o Currículo de Língua de Sinais”**, realizada pelos organizadores deste dossiê. Na oportunidade podemos nos conectar e entender ainda mais o importante trabalho do Professor Doutor Robert Hoffmeister sobre a Língua de Sinais como primeira língua e o trabalho de novos e conhecidos colegas neste campo.

Este dossiê traz exemplos de currículo de línguas de sinais da Austrália, do Brasil, do Chile, dos Estados Unidos, da Grécia, da Inglaterra e da Itália, representando um total de três continentes e sete países. Os currículos das línguas de sinais foram desenvolvidos por meio de uma estreita colaboração entre pesquisadores e acadêmicos surdos e ouvintes, que este volume também reúne, de modo a teorizar tais desenvolvimentos entre passado, presente e futuro e apresentar panoramas práticos.

Considera-se que a temática deste dossiê, bem como o conjunto de textos produzidos por autores reconhecidos internacionalmente pelos seus estudos e pesquisas em línguas de sinais, é de suma importância para o campo da educação bilíngue de estudantes surdos. Destaca-se a relevância do dossiê no fato de que o Brasil demanda pesquisas nessa área, principalmente no ensino e aquisição de Libras como primeira língua. A apresentação das experiências expostas nas páginas a seguir contribuirão para alavancar as discussões, ampliando o espectro teórico e enriquecendo o diálogo com o que vem sendo produzido em diferentes países.

Apresentamos, também, uma versão de todas as contribuições de artigos em português e em inglês, para que o volume possa atingir leitores nos países envolvidos e estimular a discussão entre estudiosos da área em diversas partes do mundo.

### **Organizadores**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Mertzani  
Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Felipe Venâncio Barbosa  
Universidade de São Paulo – USP

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cristiane Lima Terra Fernandes  
Universidade Federal do Rio Grande – FURG